

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PAR CONTRADITÓRIO DE PROPOSIÇÕES NO *DE INTERPRETATIONE DE ARISTÓTELES*

*Considerations on Contradictory Pair of Propositions in Aristotle's De Interpretatione*

*Édison Martinho da Silva Difante*<sup>1</sup>

*Gefferson Silva da Silveira*<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho busca, de forma sucinta, apresentar a leitura de C. W. A Whitaker referente ao *De Interpretatione* de Aristóteles. Na obra *Aristotle's De Interpretatione: contradiction and dialectic*, Whitaker afirma que a interpretação tradicional não dá uma visão coerente da obra aristotélica. O *De Interpretatione* não está necessariamente vinculado à "Analítica", mas à "Dialética" aristotélica. Nessa medida, Whitaker tenta fazer, ou propõe, uma leitura unificada da obra; não simplesmente como um conjunto de compilações de textos isolados. Segundo ele, o *De Interpretatione* não é um tratado acerca da linguagem em geral, nem mesmo da linguagem humana unicamente, o texto trata de pares contraditórios. Por isso, o próprio título do texto deveria ser, segundo essa perspectiva, *Sobre o par contraditório*, ao invés de *Sobre a interpretação*. Uma leitura unificada do texto de Aristóteles, assim como propõe Whitaker, não sacrifica nenhuma parte. Os capítulos iniciais com o tema da linguagem e/ou da linguística poderiam ser vistos como preparatórios para a discussão do par contraditório e os capítulos finais de caráter metafísico podem alertar para situações em que as proposições do par contraditório não funcionam como premissas dialéticas. No presente trabalho, destarte, procederemos com uma análise do sexto capítulo do *De Interpretatione*, ou seja, onde o par contraditório é apresentado, em seguida, embasados na interpretação de Whitaker, apontaremos as exceções ao par contraditório, as quais são desenvolvidas no sétimo, oitavo e nono capítulos do texto de Aristóteles.

**Palavras-chave:** Par contraditório; De Interpretação; Aristóteles; Whitaker

**Abstract:** The following paper aims to shortly present the C.W.A. Whitaker's reading of *De Interpretatione*, from Aristotle. In Aristotle's *De Interpretatione: contradiction and dialectic*, Whitaker states that traditional interpretation does not picture Aristotelian works coherently. *De Interpretatione* is not necessarily linked to Aristotle's "Analytic", but to "Dialectic". This way, Whitaker tries to make, or proposes, a unique reading of the work; not only as a set of collections of isolated texts. According to him, *De Interpretatione* is not a treaty on general language, or even on human language solely; the text talks about contradictory pairs. Therefore, the title itself should be, regarding such perspective, *On Contradictory Pair*, instead of *On Interpretation*. A thorough reading of Aristotle's text, such as proposed by Whitaker, does not compromise any part. The initial chapters, about language and/or linguistics, could be seen as a preparation for discussing the contradictory pair and the final chapters, metaphysical, could draw attention to situations in which propositions of the contradictory pair do not work as dialectical premises. In the following paper, thus, there is an analysis of the sixth chapter of *De Interpretatione*, in which the contradictory pair is presented. Then, based on Whitaker's interpretation, exceptions to the contradictory pair, which are developed in seventh, eighth and ninth chapters from Aristotle's text, will be pointed out.

**Keywords:** Contradictory Pair; On Interpretation; Aristotle; Whitaker

---

<sup>1</sup> Doutorando no PPGFil da UFSM. Professor de Filosofia na Universidade de Passo Fundo, UPF. E-mail: [difante@upf.br](mailto:difante@upf.br)

<sup>2</sup> Mestrando no PPGFil da UFSM. Bolsista CAPES. E-mail: [frgeff@yahoo.com.br](mailto:frgeff@yahoo.com.br)

## 1. Considerações iniciais

A obra *De Interpretatione* de Aristóteles tradicionalmente é vista como o segundo tratado do *Organon*, situando-se entre as *Categorias* e os *Primeiros Analíticos*. Esta visão decorre do assunto que é abordado em cada uma dessas obras, o que facilitaria a disposição delas numa sequência: os termos (*Categorias*), as proposições (*De Interpretatione*) e os silogismos (*Primeiros Analíticos*)<sup>3</sup>. Há, contudo, trabalhos concentrados em passagens isoladas do *De Interpretatione*, pois, estudiosos têm visto que algumas partes constituiriam “oásis de interesse filosófico” (teoria semântica ou filosofia da linguagem, gramática e linguística, debate sobre o fatalismo). Entretanto, C. W. A. Whitaker, o comentador em que vamos nos apoiar, analisa e defende um tratamento do texto de Aristóteles no seu todo. Pois, para ele, “a obra forma uma unidade coerente, e mesmo as passagens que são frequentemente consideradas separadamente são integrais ao todo da obra, e não podem ser completamente entendidas isoladas dela”<sup>4</sup>. Além disso, Whitaker defende que o texto de Aristóteles não tem como seu objeto simplesmente as proposições, como sendo parte integrante do silogismo, mas *pares contraditórios* de proposições que são fundamentais para a dialética. Desse modo, Whitaker revê e discute a posição tradicional do *De Interpretatione*, posto junto às *Categorias* e aos *Primeiros Analíticos*, aproximando-o mais dos *Tópicos* e das *Refutações Sofísticas*.

## 2. O par contraditório de proposições no *De Interpretatione*

Segundo Whitaker, “o negócio da dialética é a refutação”<sup>5</sup>. Sendo que os *Tópicos* tratam de refutações genuínas, as *Refutações Sofísticas* de refutações aparentes, e, que para se refutar é preciso saber o par contraditório da proposição, o papel do *De Interpretatione* seria apresentar e ensinar a se trabalhar com pares contraditórios de proposições, onde numa questão dialética uma proposição seria escolhida em detrimento da outra. Numa questão dialética o perguntador procura refutar as teses do respondedor<sup>6</sup>. Se um respondedor não conhece a premissa dialética contraditória não poderá tomar partido em uma discussão.

---

<sup>3</sup> WHITAKER, 2008, p. 1.

<sup>4</sup> WHITAKER, 2008, p. 2.

<sup>5</sup> WHITAKER, 2008, p. 2.

<sup>6</sup> No texto de Whitaker: “answerer” e “questioner”.

Assim, Whitaker afirma que “o *De Interpretatione*, ao fornecer uma análise dos pares contraditórios, fornece, assim, conhecimentos essenciais para o dialético”<sup>7</sup>.

Uma leitura unificada do texto de Aristóteles, assim como propõe Whitaker, não sacrifica nenhuma parte. Os capítulos iniciais, com o tema da linguagem e/ou da linguística, podem ser vistos como preparatórios para a discussão do par contraditório e os capítulos finais, de caráter metafísico, podem ser interpretados como indicadores de situações em que as proposições do par contraditório não funcionariam como premissas dialéticas. Nesse sentido, ressaltamos mais uma vez que Whitaker privilegia uma leitura do texto aristotélico compreendido no seu todo e que seu objeto seria as proposições do par contraditório. Destarte, prosseguiremos este trabalho com uma análise do capítulo 6 do *De Interpretatione* onde o par contraditório é apresentado, e, em seguida, apontaremos, embasados na interpretação de Whitaker, as exceções ao par contraditório desenvolvidas nos capítulos 7, 8 e 9 do texto de Aristóteles.

Ao iniciar o capítulo 6 do *De Interpretatione*, Aristóteles estabelece que “a afirmação é a declaração de algo a respeito de algo; a negação é a declaração de algo separado de algo”<sup>8</sup>. Nesse momento, os dois tipos de asserção básica são formalmente definidos, a afirmação simples como uma asserção *de algo a respeito de algo*, ou seja, algo está combinado com algo (*tinós kata tinós*) e a negação simples como *algo separado de algo (tinós apo tinós)*<sup>9</sup>. Para Whitaker, “essas expressões estão em conformidade com a visão de que uma afirmação requer que um predicado esteja combinado com um sujeito, enquanto uma negação afirma que eles estão divididos um do outro, e não formam uma única entidade coerente”<sup>10</sup>. Isso acaba mostrando que para haver uma teoria da verdade ou da falsidade fazem-se necessárias asserções afirmativas e negativas que representem sujeitos e predicados como combinados ou separados. Ou ainda, que uma simples asserção afirma com significado a respeito de “se algo é o caso ou não é o caso” e que essas asserções são afirmações ou negações<sup>11</sup>. O texto de Aristóteles prossegue dizendo que:

uma vez que é possível declarar que aquilo que se atribui a algo, não se lhe atribui, e que aquilo que não se atribui a algo, se lhe atribui, e que aquilo que se atribui, se atribui, e que o que não se atribui, não se atribui (e do mesmo modo envolvendo os

<sup>7</sup> WHITAKER, 2008, p. 2.

<sup>8</sup> ARISTÓTELES, *De Interpretatione*, 17a25. As citações do texto de Aristóteles referentes ao capítulo 6 serão tomadas da tradução de R. Fonseca (2009), as que se referirem aos capítulos 7, 8 e 9 seguirão a tradução de P. Gomes (1985).

<sup>9</sup> ANGIONI, 2006, p.180, afirma que o sentido afirmativo e o sentido negativo dessas asserções são garantidos pelas preposições gregas *kata* e *apo*, respectivamente.

<sup>10</sup> WHITAKER, 2008, p. 78.

<sup>11</sup> ANGIONI, 2006, p. 180.

tempos diferentes do agora), seria possível negar tudo aquilo que se afirma e afirmar tudo aquilo que se nega<sup>12</sup>.

Podemos dizer que nessa passagem se comprova que todas as asserções pertencem a pares, onde um membro do par é uma afirmação e o outro uma negação, e, ambos contradizem um ao outro. De acordo com Whitaker, “isso acontece porque o que quer que possa ser afirmado pode também ser negado: as mesmas coisas simples podem ser representadas como combinadas ou como separadas”<sup>13</sup>. Visto que se pode dizer daquilo que é o caso que é o caso ou que não é, e que o mesmo pode ser dito daquilo que não é o caso, podemos, então, concluir que tudo que pode ser afirmado pode ser negado, e vice-versa.

Aristóteles defende, então, que “é evidente que para toda afirmação existe uma negação oposta, e que para toda negação, uma afirmação”<sup>14</sup>. Nesse sentido, Whitaker declara que “todas as afirmações e negações são dispostas em pares uma com a outra”<sup>15</sup>. Num par de asserções assim fixado, toda afirmação representa algo como aquilo que é o caso, enquanto toda negação representa algo como aquilo que não é o caso. Desse modo, na conclusão do capítulo 6 Aristóteles apresenta a definição de par contraditório:

Seja isto, então, a contradição: uma afirmação e uma negação que se opõem. E digo que a contradição ocorre [quando uma sentença afirma e a outra nega] as mesmas coisas com relação as mesmas coisas – não de maneira homônima, mas também com todas as outras condições que nós acrescentamos contra as problemáticas [questões] sofisticas<sup>16</sup>.

Whitaker prefere traduzir *antíphasis* como *par contraditório* ao invés de *contradição*, pois este último sentido poderia ser aplicado a qualquer um dos membros do par separadamente quando equiparados um com o outro. Para Aristóteles uma contradição (o par contraditório) só acontece quando uma proposição se opõe a outra no mesmo sentido, ou seja, uma afirma e a outra nega *as mesmas coisas com relação as mesmas coisas*. Numa contradição não se leva em conta os *homônimos*, pois se estaria usando uma mesma palavra para dois objetos distintos<sup>17</sup>. Do mesmo modo, não são genuínas de um par contraditório todas as outras condições que nós acrescentamos contra as problemáticas sofisticas. Para

<sup>12</sup> ARISTÓTELES, *De Interpretatione*, 17a 26-31

<sup>13</sup> WHITAKER, 2008, p. 78.

<sup>14</sup> ARISTÓTELES, *De Interpretatione*, 17a 32.

<sup>15</sup> WHITAKER, 2008, p. 79.

<sup>16</sup> ARISTÓTELES, *De Interpretatione*, 17a 33-37.

<sup>17</sup> ANGIONI, 2006, p. 162, afirma que “faz sentido dizer que duas coisas são homônimas quando recebem um mesmo nome que, no entanto, comporta definições respectivamente diferentes para cada uma delas”. A homonímia não é uma relação entre nomes, mas uma relação entre coisas. Daí não ser o mais correto traduzir por *ambiguidade*. A respeito disso pode se conferir, também, Ackrill (1963, p. 71-2).

Ackrill<sup>18</sup>, essas condições referidas no final do capítulo 6 tem o intuito de excluir algum sofisma como aquele mencionado nas *Refutações Sofísticas*: “por exemplo, suponhamos que um Etíope é todo preto, mas com dentes brancos; é, logo, simultaneamente branco e não branco”<sup>19</sup>.

Com a conclusão do capítulo 6 do *De Interpretatione* fica estabelecido que proposições podem aparecer combinando ou separando sujeito e predicado, e, decorrente disso, delas se pode atestar verdades ou falsidades, desde que sejam apresentadas dentro de uma unidade maior, o par contraditório. Nos capítulos restantes da obra a principal tarefa de Aristóteles é examinar em que situações o par contraditório não se sustenta. Para esse intento, o trabalho desenvolvido no capítulo 6 e anteriores o habilitam neste empreendimento. Nossa proposta agora prossegue examinando nos capítulos 7, 8 e 9 as exceções que se apresentam ao par contraditório. As asserções que surgirem serão submetidas ao teste da regra do par contraditório, que diz: “de cada par contraditório, um membro é verdadeiro e o outro é falso”<sup>20</sup>.

Porém, antes de passar imediatamente para a análise das exceções ao par contraditório, Whitaker, diz que convém esclarecer o que Aristóteles entende por negação e por que admite que a RCP não pode ser violada. Whitaker defende que em Aristóteles não há uma negação de proposição ou mesmo de termos. Em Aristóteles só há uma negação quando a proposição declara que algo está separado de algo. Ou seja, “para Aristóteles a negação é interna a uma sentença”<sup>21</sup>. Se numa afirmação dois elementos estão sendo combinados, numa negação os mesmos elementos estão sendo separados. Na afirmação é o verbo que diz da combinação do sujeito com o predicado, logo, numa negação é o verbo que deve ser negado se quisermos representar que sujeito e predicado estão separados. Uma asserção só é uma negação se o verbo ou cópula em si mesmo é negado. Assim como o “é” expressa uma combinação, o “não é” expressa uma separação. Em Aristóteles a negação está no coração da asserção, esta não é vista como algo atomizado, que deixa margem para a negação ser colocada fora dela. Nesse sentido, “homem não é branco” é uma negação, pois está separando “homem” de “branco”, enquanto que, “homem é não-branco” não é uma negação, pois está combinando “homem” e “não-branco”. Ambas são consideradas proposições, no entanto, pertencem a pares contraditórios distintos.

---

<sup>18</sup> ACKRILL, 1963.

<sup>19</sup> ARISTÓTELES, *Refutações Sofísticas*, 167a 11.

<sup>20</sup> WHITAKER, 2008, p. 79: “RCP (Rule of Contradictory Pairs): of every contradictory pair, one member is true and the other false”. Doravante será usada a sigla RCP, em inglês, para *regra do par contraditório*.

<sup>21</sup> WHITAKER, 2008, p. 80.

A negação em Aristóteles não é uma operação externa. Para alguém que conceba a negação como uma operação externa seria impossível que a regra do par contraditório se sustentasse sempre. Ainda assim, se concebêssemos uma dada proposição afirmativa como “p” e uma correspondente negativa como “~p”, poderíamos inferir que se a afirmativa fosse verdadeira, a negativa seria falsa e vice-versa, e isso, ainda, defenderia a RCP. Mas, essa visão de negação não é sustentada por Aristóteles, pois “ele vê a negação como uma asserção que alega a separação de elementos que uma afirmação representa como combinados”<sup>22</sup>. Segundo Whitaker, poderia se representar uma afirmação em Aristóteles com a notação “a+b”, e uma negação com “a~b”, assim, se evidenciaria mais facilmente que a negação é interna às asserções e que manifesta a relação entre sujeito e predicado por meio de combinação ou separação.

Whitaker afirma que dependendo da teoria que alguém adota a respeito da negação pode ser crucial para o estatuto do par contraditório. Por exemplo, alguém que defenda a negação proposicional, que é externa, a regra seria a lei lógica, e a verdade seguiria *a priori* da natureza da contradição. Ao contrário, para Aristóteles, a RCP não infere a verdade de uma proposição da natureza da contradição, mas sua verdade depende da natureza relacional do sujeito e predicado.

No capítulo 7 do *De Interpretatione*, segundo Whitaker, tem início a análise aristotélica das exceções ao par contraditório de proposições<sup>23</sup>. De imediato, Aristóteles classifica as coisas como universais e singulares, “denomino universal isso cuja natureza é a de ser afirmada de vários sujeitos, e de singular o que não pode tal”<sup>24</sup>. Os universais são definidos como aquelas coisas que podem predicar várias coisas, enquanto que o singular não. A declaração de que algo pertence ou não pertence ao sujeito se aplica tanto às proposições universais quanto às singulares. Segundo Aristóteles, existem três tipos de asserções: 1) asserções sobre singulares (Sócrates é branco; Sócrates não é branco); 2) asserções acerca de universais de maneira universal (Todo homem é branco; Nenhum homem é branco); 3) asserções acerca de universais de maneira não universal (Homem é branco; Homem não é branco).

Não há problema algum com relação à RCP nas asserções do tipo 1, pois uma é necessariamente verdadeira e a outra necessariamente falsa. As asserções do tipo 2 também

<sup>22</sup> WHITAKER, 2008, p. 81.

<sup>23</sup> Talvez Whitaker não tenha razão em caracterizar o estudo feito nos capítulos 7 a 9 como exceções à RCP, melhor seria tratá-los como um modo de reafirmar essa regra, esclarecendo alguns casos que parecem se contrapor.

<sup>24</sup> ARISTÓTELES, *De Interpretatione*, 17a 38. Aqui, seguimos a tradução de Whitaker que prefere *singular* ao invés *particular* por razões que se tornarão evidentes.

não apresentam qualquer problema quanto à RCP, embora não exista um relação de contraditoriedade entre ambas, mas de contrariedade. Aristóteles insere neste grupo as asserções parciais (Algum homem é branco; Algum homem não é branco), de modo que possa se estabelecer pares contraditórios de proposições. As asserções que apresentam problemas em relação à RCP são as do tipo 3. Estas asserções revelam uma anfibolia. Elas podem ser tomadas tanto como universais como parciais ao mesmo tempo, e como não tem um quantificador não se pode saber ao certo a que está se referindo. Nesse caso, de proposições onde se assera acerca de universais de maneira não universal, só aparentemente se tem um par contraditório.

Segundo Aristóteles, “se enunciarmos universalmente de um universal<sup>25</sup>, por um lado, que uma coisa lhe pertence; e, por outro lado, que não lhe pertence, teremos aí duas proposições contrárias” (por exemplo, “todo homem é branco” e “nenhum homem é branco”). Uma proposição universal sobre um universal é acompanhada da palavra “todo” ou “nenhum”. Assim, algo é dito pertencer a todo homem ou a nenhum homem. Entretanto, o par contraditório é estabelecido a partir de uma proposição que exprima um sujeito universal em universal acepção e de outra que exprima o mesmo sujeito, mas não na sua acepção universal, desde que uma proposição seja uma afirmação e a outra uma negação, e, necessariamente, uma será verdadeira enquanto a outra será falsa.

Em se tratando de asserções como “Homem é branco” e “Homem não é branco”, Aristóteles adverte quanto a não existência de contraditoriedade entre elas, o que faz com que a RCP não possa ser aplicada a elas. Este par de proposições só aparentemente pode ser considerado contraditório e é nesse sentido que se pode entender a frase final do capítulo 7 quando Aristóteles afirma que nem sempre toda contraditória enquanto uma é verdadeira a outra é falsa<sup>26</sup>. Segundo Whitaker, neste tipo de asserções pode ser que aconteça que ambas sejam verdadeiras, sendo assim jamais poderia uma ser oposta a outra, o que não configuraria um par contraditório.

No capítulo 8, Aristóteles deixa bem claro que “uma proposição é una ou singular [simples] quando afirma ou nega um predicado, e não mais, acerca de um sujeito, seja o sujeito universal ou não, e seja a proposição universal ou não”<sup>27</sup>. Mas, “se um nome tiver mais do que um significado, e for referido a duas coisas que não formam na realidade uma só coisa,

<sup>25</sup> Segundo Whitaker (p. 83-4), Aristóteles usa o nome *universal* para denotar a coisa que é um universal, e o advérbio *universalmente* para referir um certo tipo de proposição sobre um universal.

<sup>26</sup> ARISTÓTELES, *De Interpretatione*, 18a 10-11.

<sup>27</sup> ARISTÓTELES, *De Interpretatione*, 18a 12-33.

a afirmação deixa de ser una, e também a negação deixa de ser una”<sup>28</sup>. Aristóteles chama a atenção, aqui, para o fato de que algumas asserções podem parecer simples, mas na verdade são complexas. Tal complexidade pode ser revelada quando de uma asserção deste tipo pode ser desmembrada duas outras. Nesse sentido, o que deve se levar em conta é o significado da asserção e não sua forma linguística. Assim, a exceção que se apresenta à RCP são estas asserções aparentemente simples, mas semanticamente complexas.

Estas asserções com complexidade oculta, simples na forma e complexas na significação, não se apresentam de maneira que no seu par contraditório enquanto uma é verdadeira a outra é falsa, mas pode ser que ambas sejam falsas ao mesmo tempo. Por exemplo, se “capa” pudesse significar tanto “cavalo” como “homem”, a asserção “capa é branca” não seria uma única afirmação, mas poderia significar tanto “cavalo é branco” como “homem é branco”. Por conseguinte, a contraditória “capa não é branca” não poderia ser considerada falsa ou verdadeira devido a este duplo significado a que a palavra “capa” se refere.

Segundo Whitaker, podemos entender melhor esta exceção à RCP trazendo à tona o propósito aristotélico do fundamento da dialética. Estas asserções aparentemente simples, mas que de fato são complexas não servem para resolver questões dialéticas. Uma questão dialética se resolve a partir da oposição entre proposições singulares, se numa questão a proposição é composta não se tem como responder acertadamente, se torna uma questão irrespondível, ou ao menos seria impossível responder de uma única maneira e de uma só vez. A resolução de uma questão dialética só pode ser dada a partir de respostas singulares, mas é impossível dar uma resposta singular a uma questão que apresenta um caráter composto.

Nos capítulos 7 e 8, Aristóteles tratou de analisar pares que não se oporiam semanticamente, ou seja, casos em que, dado um par de proposições contraditórias, a verdade de uma não implicaria a falsidade da outra e vice-versa. Neste contexto, o capítulo 9 dá continuidade à busca por pares contraditórios, investigando agora o caso dos pares de proposições contraditórias sobre eventos singulares futuros em matéria contingente. Este capítulo é famoso por ser o lugar onde se situam discussões conhecidas como a batalha naval e o fatalismo. Geralmente ele tem sido tratado isoladamente do restante da obra, mas Whitaker, com sua defesa de que a obra consiste num todo e de que assim precisa ser lida e interpretada, o vê como parte da sequência de exceções que se aplicam à RCP iniciadas no capítulo 7.

---

<sup>28</sup> ARISTÓTELES, *De Interpretatione*, 18a 18.

O capítulo 9 começa com um breve resumo das conclusões tiradas nos capítulos anteriores referente a situação em que a RCP se sustenta bem como as exceções que lhe aparecem. Em seguida, Aristóteles afirma que “para as proposições singulares, cujo predicado se refere ao futuro, a solução é outra”<sup>29</sup>. Ora, sabe-se que toda afirmação ou negação é verdadeira ou falsa, assim, o predicado que é afirmado ou negado deve pertencer ou não ao sujeito. Disso, postula Aristóteles, “se alguém afirmar que algo será, enquanto outrem afirma algo não será, é evidentemente de toda a necessidade que um dos dois diga a verdade, pois toda a afirmação, ou toda a negação é, ou verdadeira, ou falsa”<sup>30</sup>.

Asserções podem ser proferidas levando em conta o passado, o presente e o futuro. A RCP se sustenta nas asserções referentes ao passado e ao presente, mas não em relação às que são relativas ao futuro. Segundo Whitaker, se qualquer asserção deste tipo for verdadeira, a RCP não pode se sustentar, pois se todo evento futuro for necessário, e nada acontecer por acaso, então, se tem como consequência o fatalismo. Uma saída seria dizer que todas as asserções acerca do futuro são falsas, com isso se escaparia do fatalismo, mas negar a verdade de asserções acerca do futuro simplesmente para evitar o fatalismo não é uma boa solução.

O ponto de vista de Aristóteles é que determinados eventos futuros estão abertos a ser de tal maneira ou não, eles são contingentes. Nesse sentido, “a proposição afirmativa não é mais verdadeira do que a negativa, nem uma mais falsa do que a outra”<sup>31</sup>. Assim, não é o caso que num par contraditório uma proposição deva ser verdadeira e a outra falsa, pois não está determinado o que virá a ser. Ora, como a verdade e a falsidade não pode ser decidida entre os dois membros do par, é impossível que a RCP se sustente. Podemos afirmar que o que coloca a RCP em perigo, neste caso, é que nas asserções singulares de futuro não há uma determinação de qual membro do par é o verdadeiro e qual é o falso. Esta falta de determinação revela que a realidade a que se refere a asserção ainda não está estabelecida.

Aristóteles considera o futuro como genuinamente aberto, e nós somos incapazes de prever se algo se dará de um modo ou de outro. Para ele o contingente se expressa de maneira que algo possa:

“exata e igualmente ocorrer ou não ocorrer, se uma ou outra afirmação não for necessariamente verdadeira, porque a palavra contingente não é mais do que a indeterminação quanto ao presente e quanto ao futuro, sendo aquilo que pode suceder deste, ou daquele modo”<sup>32</sup>.

<sup>29</sup> ARISTÓTELES, *De Interpretatione*, 18a 33-34.

<sup>30</sup> ARISTÓTELES, *De Interpretatione*, 18a 36.

<sup>31</sup> ARISTÓTELES, *De Interpretatione*, 19a 21.

<sup>32</sup> ARISTÓTELES, *De Interpretatione*, 18b 8.

Assim, Aristóteles estabelece que o que é deve ser necessariamente quando é, e o que não é, pelo contrário, não pode ser necessariamente quando não é, e que isso não significa que tudo o que é será por necessidade, e que tudo o que não é não será necessariamente.

Segundo Whitaker, alguns comentadores de Aristóteles defendem que o interesse do capítulo 9 não seria a RCP, mas o Princípio da Bivalência (PB) que diz que uma asserção é verdadeira ou falsa. É evidente que Whitaker não compartilha dessa visão, pois para ele o PB é mais fraco que a RCP. Se postularmos a RCP, então pode se ter o PB, mas podemos ter o PB sem ter a RCP. Nesse sentido, ainda, é a RCP, e não o PB, que poderia conduzir ao fatalismo, e o que se mostra, no final da argumentação aristotélica, capaz de ser violado. O PB pode ser empregado no interior da argumentação de modo que não é violado pelas asserções acerca do futuro contingente.

Para Whitaker, o PB é a regra que pode ser aplicada a uma asserção isolada, enquanto a RCP é a regra que só pode ser aplicada ao par contraditório. O interesse de Aristóteles na RCP deve-se à sua preocupação com o par contraditório de proposições, ao invés de considerar proposições tomadas isoladamente. Aristóteles cita um exemplo que pode esclarecer: “necessariamente amanhã haverá uma batalha naval, ou amanhã não haverá uma batalha naval; mas não é necessário que amanhã haja uma batalha naval, e também não é necessário que amanhã não haja batalha naval”<sup>33</sup>. Ou seja, podemos afirmar que de uma asserção como “necessariamente A ou B” não se pode inferir uma como “necessariamente A ou necessariamente B”, por isso a exceção não se aplica ao PB.

O PB está contido em cada proposição considerada em isolada do par contraditório. Pois, afirmar é representar coisas como sendo de certo modo, ou como não sendo de certo modo. Por isso, o proferimento de algo verdadeiro ou falso é inevitável quando se trata de uma asserção. A complicação existente é que, em se tratando de proposições acerca do futuro, ainda não se tem fixado o fato que comprove a verdade ou a falsidade, o futuro está aberto. Este tipo de declaração viola a RCP porque este precisa comprovar necessariamente a verdade ou falsidade de uma ou outra proposição do par contraditório.

### 3. Considerações Iniciais

Desse modo, podemos concluir que pelo exposto chegamos a três diferentes exceções à RCP: quando as duas asserções são falsas, no caso de asserções feitas não universalmente

---

<sup>33</sup> ARISTÓTELES, *De Interpretatione*, 19a 30-31.

sobre universais; quando as duas asserções são verdadeiras, no caso de asserções que parecem simples, mas de fato são complexas; e, quando uma asserção é falsa e a outra é verdadeira, mas não se sabe qual é qual, no caso das asserções acerca do futuro contingente. Estas exceções se justificam, pois atrapalham na tarefa aristotélica de estabelecimento da dialética.

Podemos afirmar que a análise empreendida nesse trabalho teve por caráter nos preparar para saber reconhecer e evitar as armadilhas das exceções a RCP. Ao mesmo tempo, como a dialética é uma disciplina universal e sua investigação pode servir a qualquer assunto onde uma questão é colocada, e por ela se pode distinguir se as respostas dadas às questões são certas ou erradas, os capítulos do *De Interpretatione* que foram analisados favoreceram para a tentativa de determinação correta de um par contraditório bem como reconhecer os limites da universalidade da dialética.

#### Referências bibliográficas

ANGIONI, L. **Introdução à teoria da predicação em Aristóteles**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

ARISTÓTELES. **Categories and De Interpretatione**. Transl. with Notes by J. L. Ackrill. New York: Oxford University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. **Periérmenias**. Trad. Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães editora, 1985.

\_\_\_\_\_. Peri hermenéias. In: FONSECA, R. S. **Aristóteles e a linguagem: estudo e tradução do Peri hermeneias** (partes 1-6). 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Refutações sofísticas (Elencos sofísticos)**. Trad. Pinharanda Gomes. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

WHITAKER, C. W. A. **Aristotle's De Interpretatione: contradiction and dialectic**. New York: Oxford University Press, 2008.